



EDITORIAL

Vidal Pedrosa de Faria



INTERPRETAR FATOS E ENCONTRAR CAMINHOS

Num passado não muito distante, havia no País deficiências muito grandes de conhecimento técnico relacionado com a produção de leite. Foi um período em que pequenos ajustes ou ações provocavam respostas rápidas e grandes surpresas, porque as dificuldades permaneciam por longos períodos sem solução. Alguns acontecimentos reais podem mostrar as dificuldades vividas pelos fazendeiros, quando ocorriam fatos aparentemente inexplicáveis que destoavam da expectativa.

Por exemplo, no uso de ordenhadeira mecânica o leite apresentava contaminação bacteriana maior do que na manual. Perdas de cota eram comuns por ocorrência de leite anormal, apresentando teores de gordura e sólidos totais muito baixos. Tentativas de uso de ureia na alimentação causavam mortalidade de vacas; a ocorrência de laminite por efeito de dietas desbalanceadas era constante e deficiências nutricionais eram, muitas vezes, confundidas com doenças.

Distúrbios metabólicos não eram diagnosticados e se utilizava com intensidade touros sem teste de progênie, mesmo em fazendas consideradas de elite, com a justificativa de que os bezerros nascidos seriam adaptados ao meio tropical. Existiam instalações inadequadas, principalmente bezerreiros fechados, responsáveis pela alta mortalidade de animais.

Os capins milagrosos surgiram e monopolizaram a mídia, leguminosas tropicais eram apresentadas como indispensáveis, a suplementação alimentar na seca dependia de capineiras passadas; não existiam máquinas para a colheita de forragem, para a produção de silagem ou feno. Havia também grande expectativa de utilização de resíduos industriais e agrícolas de baixo valor nutritivo, por serem baratos.

Técnicas de manejo rotacionado de pastagens, sem fundamento científico, provocaram grandes decepções e perdas econômicas, e as primeiras tentativas de confinamento total foram desastrosas e frustrantes, por desconsideração do conforto animal, espaço vital e elaboração de dietas inadequadas.

Havia grande esperança em pacotes tecnológicos para possibilitar avanços, sem levar em consideração as peculiaridades dos sistemas de produção. Tudo acontecia porque poucos técnicos recebiam treinamento específico para a condução da atividade, que estava se modificando e exigia conhecimento mais profundo e integrado. O desenvolvimento já era suficiente para resolver problemas e dificuldades vividas, mas não se procurava soluções em livros, textos ou trabalhos de pesquisa dos jornais científicos. Havia nítida valorização da experiência prática sobre o conhecimento.

Hoje, informações científicas são difundidas. Existem profissionais competentes em todas as áreas e a mídia raramente publica propostas sem fundamentação técnica, porque podem ser questionadas à luz da ciência e não se considera mais a necessidade de tecnologia específica para os trópicos. O momento exige reflexões aprofundadas sobre o setor produtivo, porque permanecem gargalos e limitações para que a pecuária leiteira possa ser estruturada num modelo compatível com a realidade científica.

As dificuldades não são mais eminentemente técnicas, pois trabalhos bem conduzidos mostram obtenção de resultados significativos para colocar sistemas de produção em patamares compatíveis com os observados em países desenvolvidos. O desafio agora é vencer barreiras relacionadas com entaves de natureza socioeconômica e cultural, característica do subdesenvolvimento. Derrubar barreiras da tradição é tarefa difícil.

Inúmeras publicações apresentam temas relacionados com produção, industrialização e comercialização, consumo de lácteos, uso de insumos, organização de cooperativas, e outros fatores importantes apresentando o que está ocorrendo e tentando introduzir profissionalismo para a modernização do setor, que revela contrastes marcantes e dificuldades reconhecidas de evolução.

Os estudos publicados também contemplam planejamento, gestão, estratégias, e outros assuntos de grande significância para a tentativa de modernização. Recentemente, um livro inovou com cenários futuros, baseados na percepção de pessoas envolvidas com diferentes segmentos da cadeia leiteira, revelando expectativas otimistas e muito interessantes para quem se preocupa e se interessa pelo leite.

Faltam agora análises críticas das informações já publicadas, para que novas interpretações sejam incorporadas e não ocorra, como no passado, a repetição monótona e improdutivo de pensamentos homogêneos, nem sempre coerentes. São necessárias novas ideias sobre tudo o que aí está, para que seja possível enxergar outras vertentes advindas de interpretações circunstanciais.

Como a cultura brasileira não valoriza o estudo, existe a aceitação de suposições advindas de observações corretas, com interpretações, às vezes, distorcidas, que se tornam verdades e, assim, a percepção dos problemas nem sempre é realista e, por esse motivo, análises repetem sempre o que já havia sido dito no passado. ■

Vidal Pedrosa de Faria é professor aposentado da Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, de Piracicaba-SP, e membro do conselho editorial de Balde Branco.

Com este texto, o professor Vidal Pedrosa de Faria encerra sua participação nesta seção. Ao todo foram escritos 270 editoriais, desde 1992. Em breve, este acervo será transformado em livro patrocinado pela Faerj/Senar e Sebrae.